

# Território brasileiro: uma análise da difusão regional do RAP no Brasil

**Renan Lélis Gomes**

✉ renanlelis@ige.unicamp.br

IG/UNICAMP

**Palavras-chave:** verticalidades, horizontalidades, região.

O presente trabalho discute o Hip Hop como uma manifestação territorial que tem no *Rap* uma das suas formas de existir, tendo em vista que este tipo de música, mesmo possuindo uma linguagem universal, assume características regionais distintas, se utilizando cada vez mais dessa diversidade regional para criar sinergias capazes de projetar e de fazer ouvir suas reclamações.

Carregado de regionalismo, o *Rap* tem influenciado, tanto por meio de suas reclamações quanto por meio de suas particularidades, na inclusão de uma parcela da população no exercício da política. Pretendemos compreender como o Hip Hop, que abrange uma grande quantidade de jovens e tem profundas ligações com os lugares, é utilizado como ferramenta de solidariedade orgânica, haja vista que essa manifestação assumiu uma posição bastante relevante frente a questões urgentes relacionadas a segmentos sociais desfavorecidos.

Os problemas sociais relatados nas letras do Rap não estão restritos apenas as periferias das grandes metrópoles. As mazelas sociais que servem de matéria-prima para a confecção das letras do Rap se fazem presentes em todo o território nacional e cada região tem suas particularidades tanto em relação às reclamações quanto às variações lingüísticas e rítmicas, muito embora este segmento seja, em grande parte, influenciado pelo Rap norte-americano (as verticalidades do mundo da globalização se fazem presentes nos lugares).

No Brasil podemos ilustrar como exemplo o Rap nordestino, que declama suas letras sob batidas de “tambor de crioula”, como é o caso do grupo maranhense “Clã Nordestino”. Outro exemplo é o *rapper* cearense “Rapadura” que mistura Rap com repente e forró, trazendo em suas letras mensagens de Lampião e Maria Bonita, bem como outros elementos e vocabulários da cultura local. Assim temos também o Rap gaúcho que utiliza elementos da música galdéria trazendo elementos da história regional, como a Revolução Farroupilha. Na região Norte a música Rap também está presente, fazendo referências a uma realidade imensamente marcada pela floresta Amazônica. Produzida nas grandes capitais, como Belém e Manaus, traz elementos do folclore local e também reclama problemas típicos daquela região, sobretudo aqueles atrelados à destruição da floresta pela exploração econômica e a dificuldade de sobrevivência dos povos ribeirinhos. Um exemplo é o “*Movimento Hip Hop da Floresta*”.

Em São Paulo verificamos que o Rap está mais próximo daquele praticado nos EUA, pois as letras e as músicas paulistas têm menos caracteres regionais, ostentando mais símbolos da grande metrópole, sobretudo o automóvel. Sem dúvida, essa leitura regional do território brasileiro pode ser realizada a partir dos conceitos de “espaços luminosos” e “espaços opacos” (SANTOS & SILVEIRA, 2003). Ou seja, São Paulo é um espaço luminoso e por essa razão acolhe com mais vigor os vetores da globalização, enquanto que outras regiões interpretam o mundo a partir de outras racionalidades, no entanto, é reconhecido o fato de que outras regiões do país, de certa forma, tentam copiar aquilo que o Rap paulista faz, ou seja, São Paulo acaba por ser um “relé” da difusão do Rap no Brasil. Souza (1976, p.91) afirma que:

a difusão da informação, dos objetos, da exploração e da degradação do meio ambiente interfere nas identidades e dissemina as singularidades, indefinidamente, conectando lugares, por vezes, não contíguos.

Assim, a música Rap, serve como instrumento de conexão entre lugares, permitindo a troca de informações e saberes.

Nossa proposta é entender como a música Rap, mesmo tendo uma linguagem universal, assume características regionais distintas, sendo que ela tem se utilizado cada vez

mais dessa diversidade regional para criar sinergias capazes de projetar e de fazer ouvir suas reclamações.

Correa (1997, p.193) afirma que "*a cada novidade da história, a extensão e os limites do fenômeno regional mudam*". Este mesmo autor também nos diz que além da própria realidade demandar o conceito de região, ela constitui a mais importante via geográfica para se introduzir na geografia a relevante e difícil categoria que é a "particularidade". Compreender o particular seria, portanto, tarefa essencial aos geógrafos.

A particularidade, tal qual propõe Correa (1997), serve de orientação de método para colocar o Rap como uma manifestação que pode ser pesquisada para, por meio dela, se entender a atual configuração regional brasileira.

De fato o Hip Hop influenciou um amplo estrato da população, sobretudo jovem, e o Rap, como um de seus elementos, carece de melhor entendimento geográfico. Carregado de regionalismos, o Rap é visto como fio condutor e canal de ativismo político de uma parte da sociedade, elemento que unifica, através do seu discurso, os problemas enfrentados nas regiões brasileiras, mas que também ressalta as particularidades de cada região, muitas vezes sendo mais legítimo que a sua própria representação política.

Nosso objetivo é compreender como particularidades regionais são expressas política e culturalmente por meio das ações sociais do Hip Hop e da música Rap, ao mesmo tempo em que essas singularidades são reforçadas por tais ações. Para essa compreensão focamos o Rap, carregado de motivações globais (*verticalidades*), refletindo reclamos regionais (*horizontalidades*).

### Referências bibliográficas

CORREA, Roberto Lobato. Interações Espaciais. In: CASTRO I. E. de., GOMES, P. C. da C. e CORREA, R. L. (org.). **Explorações Geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. P.279-318.

CORREA, Roberto Lobato. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CORREA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

HARVEY, David. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

- LENCIONI, Sandra. **Região e geografia**. São Paulo: Edusp, 1999.
- MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antonio A. (org.). **O Espaço da Diferença**. Campinas, Papirus, 2000. P. 159-215.
- OLIVEIRA, Mauro Sergio de. **Rap**: ocupando a periferia com atitude. Monografia apresentada no curso de Graduação em Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo USP, 2003.
- RIBEIRO, A. C. T. Faces ativas do urbano: mutações num contexto de imobilismo. In: Ribeiro, A. C. T. (org.) **Repensando a experiência urbana da América Latina: questões, conceitos e valores**. Buenos Aires: Clacso, 2000. P. 235-250.
- SANTOS, Milton. Região: globalização e identidade, In: LIMA, L. C. (org.), **Conhecimento e Reconhecimento**. Fortaleza: EDUECE, 2003. P.53-64.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.
- SANTOS, Milton. **O território e o Saber Local**: algumas categorias de análise. CADERNOS IPPUR. Rio de Janeiro: Ano XIII, nº 2, 1999, P.15-26.
- SANTOS, Milton. **Economia espacial**: críticas e alternativas. São Paulo: Edusp, 2003 (1979).
- SOUZA, M. A. A. de, (1976), **Regionalização**: tema geográfico e político – o caso paulista, in Boletim Paulista de Geografia, nº 50, P. 103-133.